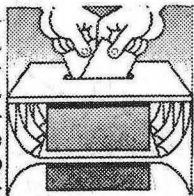


Collor prega reforma social pelo voto

Em maratona pelo interior de SP, candidato do PRN repudia a intolerância na campanha

FERNANDA FRANCO E
ADRIANA BARSOTTI

JUNDIAÍ — Depois de uma chegada cinematográfica com seis helicópteros que pousaram no campo de futebol do Bolão — principal centro esportivo de Jundiaí —, o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, foi recebido por centenas de pessoas, que lotaram a Praça Floriano Peixoto, no centro da cidade. Com um discurso emocionado de agradecimento pela votação obtida no Estado (23,42%), Collor prometeu fazer a reforma social utilizando o resultado das urnas: “Nossa arma não é o revólver, nem a espingarda, nem a intolerância, nem a intransigência: é o voto”.



Aparentemente ele já não remoía o incidente ocorrido no campo de futebol. Assim que desceu de um dos seis helicópteros da comitiva — integrada por mais de 10 seguranças — Collor teve o seu primeiro sorriso atropelado por uma câmara de TV que bateu em seu rosto. Ruborizado, o candidato do PRN olhou para frente e, massageando a boca, seguiu em direção ao carro, sem fazer qualquer comentário.

Somente em cima de uma Pick-up, com os braços erguidos, ele sorriu — pela primeira vez em Jundiaí, onde nunca tinha estado. A boa recepção ficou por conta dos simpatizantes que o aguardavam na Praça.

Collor seguiu até o local no comando de uma caravana de carros, acenando para a população de Jundiaí, cidade na qual conquistou o terceiro lugar no primeiro turno, atrás de Mário Covas (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Collor atravessou a praça tomada pela multidão. Políticos locais e alguns seguranças do candidato improvisaram um corredor para que ele pudesse chegar ao palanque.

Muitas pessoas caíram no chão durante o empurra-empurra provocado por simpatizantes que queriam tocar em Collor.

Com permanente sorriso estampado no rosto, tentando sempre ficar ao lado da mulher Rosane, Collor não deu tempo para discursos de políticos locais — havia ali pelo menos 30 prefeitos de municípios da região. Pegou o microfone e falou com desenvoltura: “Quero que cada um de vocês transforme o seu voto em dez”. Sempre intercalando suas frases com as expressões “se Deus permitir” e “minha gente”, Collor lembrou as cores da bandeira brasileira. “Nossa bandeira é verde e amarela e é só ela que iremos homenagear e respeitar”, declarou em tom cívico.

Não passou sem ser notado o fato de Collor não ter mencio-

nado no discurso os nomes dos prefeitos presentes, nem mesmo o de Jundiaí, Walmor Martins, collarido convicto. No final do comício, enquanto ouvia dos simpatizantes gritos de “já ganhou”, pediu ajuda a um companheiro de palanque. “O que eu falo agora?”, perguntou baixinho para o deputado Arnaldo Faria de Sá, um dos coordenadores de sua campanha em São Paulo. Segundos depois, já instruído, não titubeou: “Primeiro agradeço pelos votos de todo o Estado, segundo, obrigado a Jundiaí, sem essa votação não poderia estar aqui e depois, muito obrigado, de todo coração, pela solidariedade do dia 15”.

Mantendo segredo sobre o caminho que percorreria, em seguida, ao campo de futebol, o prefeito Walmor conseguiu colocá-lo num carro e ser seguido por poucas pessoas. Só no Estádio Bolão, depois que todos os helicópteros já estavam com os motores ligados, alguém percebeu que Rosane, a mulher do candidato, que também não sabia o caminho, se perdera na cidade. Motores desligados, Rosane só chegou alguns minutos depois.

Esbaforida, desceu de um Opala e correu pelo campo, com os cabelos esvoaçantes. Entrou no helicóptero de Collor sem fazer comentários.

Enquanto os helicópteros levantavam vô e faziam cena, voltando sobre o campo várias vezes, na mesma praça onde Collor tinha feito seu discurso, cerca de 50 petistas iniciavam uma passeata em favor de Lula. Passaram por várias ruas do centro, onde fica o principal comércio da cidade, e pararam em frente ao palanque, cantando músicas do candidato do PT e batendo palmas.

Collor não chegou a ver as três viaturas da Polícia Militar que passaram a tarde à sua espera. O primo do candidato, Chico Mello, que organizou a visita a Jundiaí, dispensou todos. “Tirem eles daqui, o Collor não gosta de ostentação na segurança”, ordenou ao prefeito Walmor. Só deixou que ficasse no campo um caminhão do Corpo de Bombeiros. “É só por prevenção”, justificou-se Mello.

Antes de iniciar sua maratona pelas cidades do interior de São Paulo — Salto, Itu, Botucatu e Bauru, Lencóis Paulista e São José do Rio Preto —, o candidato do PRN deu uma entrevista no Rio. Ele criticou a postura de seu adversário petista por excluir do palanque da Frente Brasil Popular no comício de Novo Hamburgo (RS), o seu vice, José Paulo Bisol, cedendo às pressões do ex-governador Leonel Brizola (PDT). “Meu adversário desmoralizou seu vice”, afirmou.

Em Itu, o candidato do PRN fez um comício relâmpago onde agradeceu a votação (26%) no primeiro turno. Quando o candidato já deixava a praça, um grupo de militantes do PT, com cerca de 50 pessoas, iniciou uma discussão com partidários do PRN. Os petistas tinham rasgado uma camiseta de propaganda de Collor, mas o incidente não teve maiores conseqüências.



Márcia Zoet/AE

Rosane se perde em Jundiaí e corre para alcançar o marido: atraso fez os seis helicópteros desligarem os motores